

ELOGIO FÚNEBRE PRONUNCIADO NA SEGUNDA-FEIRA, DIA 2 DE SETEMBRO DE 1867

Théodore de Banville

Tradução de Gilles Jean Abes
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Revisão de Eduardo Horta Nassif Veras
Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais, Brasil

Senhores,

Aquele que a morte acaba de atingir leva com ele uma extensa parte de meu coração, e ainda não posso olhar seu caixão sem ter os olhos obscurecidos pelas minhas lágrimas.

De maneira egoísta, eu me entregaria por inteiro a essa dor que me invade e penetra; mas devo esquecer um instante que Charles Baudelaire foi para mim um excelente amigo e foi ternamente querido, pois preciso cumprir para com ele um dever mais sagrado e mais imperioso do que o de chorá-lo. Na falta daqueles de nossos mestres que teriam tido a qualidade para levar a cabo esse ato de justiça, é preciso que eu encontre em mim a força necessária para dizer qual é o poeta que acaba de nos ser arrebatado, e, quão insuficiente seja para tal tarefa, falarei dele sem orgulho excessivo, sem vã modéstia e com uma absoluta sinceridade.

Assim, para louvar dignamente Charles Baudelaire, a verdade basta, e nada mais é preciso à sua memória. Aquebrantado por um mal cruel e misterioso que havia desafiado os esforços da ciência, o homem acaba de findar; o triunfo duradouro está se formando



para o pensador eloquente, para o maravilhoso artista que ele foi e que permanecerá um grande poeta. Ainda vivo, sua obra tinha sido aclamada pelos espíritos superiores da poesia e da crítica, ao mesmo tempo em que era duramente contestada pelos homens que contestam tudo quanto é belo. Mas ora louvada ora denegrida, às vezes caluniada e difamada de forma odiosa, ela se impunha ao público por uma potência virtual à qual ninguém pôde resistir, e dia após dia, de hora em hora, seu sucesso crescia, primeiro, com uma progressão lenta, depois mais rápida, depois tão rápida que nada no mundo poderia pará-la, mesmo que a morte não tivesse alocado no seu verdadeiro dia, e plenamente iluminada, essa obra que, sem empalidecer, pode ser comparada às mais belas e mais ilustres.

Com efeito, e o futuro próximo o confirmará de maneira definitiva, o autor das *Flores do mal* é, não um poeta talentoso, mas um poeta de gênio, e dia após dia veremos melhor qual grande lugar toma, na nossa época atormentada e sofrida, sua obra essencialmente francesa, essencialmente original, essencialmente nova. Francesa, é pela clareza, concisão, nitidez tão franca dos termos que emprega, por uma ciência da composição, por um amor à ordem e à regra que muito rigorosamente procedem do Século XVII; original... ninguém o contestou; foi o maior elogio e a maior crítica que lhe dirigiram seus amigos e inimigos; nova, insisto nesse ponto, ela foi, é e permanecerá surpreendentemente nova e vivaz; é a sua glória, a melhor e mais verdadeira, da qual nada pode deserdá-la.

Ela foi nova, senhores, pelo fundo e pela forma; E será que lembramos mesmo o quão essa palavra encerra elogios? O simples fato de encontrar na forma de uma arte um ponto de vista novo, de imaginar nos procedimentos que emprega uma leve e insignificante alteração, que magnífica organização de artista é preciso ter recebido?

Por quão severos e sérios estudos, por quão trabalhos incansantes não foi preciso passar para completá-la! Pois bem! Quando ocorre, uma ou duas vezes por século, que um homem de elite traga uma arte que lhe pertença completamente, cuja forma dele saiu por inteira, esse homem já ergueu um mundo; mas se o próprio

fundo dos sentimentos que ele traduz, das ideias que emprega, das impressões que recompõe, é dele e totalmente dele, se, como La Fontaine no Século XVII, como Prud'hon no Primeiro Império, possui uma originalidade vigorosa o suficiente para escapar absolutamente e como que sem esforço à moda, à tradição, aos preconceitos artísticos de seu tempo, não é verdadeiro e legítimo afirmar que possui genialidade?

Não quero, senhores, empreender de tocar à nossa história literária; direi apenas uma palavra, aquela que é necessária para fazer compreender meu pensamento.

Todos nós sabemos que um magnífico e potente escritor reina em nosso país, incontestavelmente, há trinta anos, e, há trinta anos, pôs sobre nossa literatura, poesia lírica, drama, romance, história, crítica, a marca de sua garra de leão.

A realza de Victor Hugo foi ora sofrida, ora livremente aceita, mas sempre reconhecida e obedecida, de tanto que parecia impossível dela subtrair-se!

A imitação de Victor Hugo tornou-se assim o princípio de qualquer poeta de nosso tempo; nenhum de nós soube ou mesmo quis libertar-se dela; durante muito tempo o jovem poeta colocava-se à prova na sombra de nosso caro e venerado mestre, e permanecia ao lado do colosso, até que, por sua vez, sentiu nascer e crescer asas.

Pois bem, senhores, quando Charles Baudelaire deu a conhecer suas primeiras poesias, pois foram impressas somente bem mais tarde, vimos com surpresa que ele trazia um verso, uma poesia dele, onde nem Hugo, nem Musset, nem Lamartine, não tinham nada para reivindicar, e à qual dificilmente encontraríamos antepassados, a menos de voltar à raça vigorosa dos Mathurin Régnier e d'Aubigné.

Um poeta original havia nascido, e que se quisesse amá-lo ou odiá-lo, era preciso se conformar. Original pela forma, sem dúvida! Ainda bem mais original pelo próprio fundo de sua inspiração, pois as ideias e os sentimentos que ele vinha nos traduzir eram justamente aqueles que o admirável poeta das *Contemplations* havia voluntariamente deixado no esquecimento.

Continuando, mesmo que inovador, a tradição antiga, Victor Hugo sempre transfigurou o homem e a natureza à imagem de certo ideal desejado; ao contrário, Baudelaire, como Balzac, como Daumier, como Eugène Delacroix, aceitou o homem moderno em sua totalidade, com suas falhas, sua graça doentia, suas aspirações impotentes, seus triunfos mesclados de tantos desânimos e tantas lágrimas! Os becos da alma que fora conveniente e clássico deixar na sombra, a hipocrisia de uma raça fraca e diminuída, a impotência para amar e odiar, o desejo para com uma crença que não pode ver a luz, o inconsolável lamento de termos, para nós mesmos, tolhido os céus, todos aqueles sofrimentos, todo aquele vazio, todas aquelas agonias, ele as pintou com traços indelévels, e, verdadeiro poeta romântico (ele mesmo havia dado essa excelente definição do romantismo: a expressão mais recente da beleza), representou com charme voluptuoso do qual é dotado um grande artista, o que nos resta da beleza, ou seja, uma sombra doentia, moribunda, adorável no entanto, que foge exalando uma queixa harmoniosa e desolada.

Sim, ele foi o homem, foi o artista moderno com toda sua energia e toda sua vivificante tristeza.

Oriundo de uma família onde havia extraído ao mesmo tempo os ensinamentos mais viris e as tradições das mais perfeitas e mais amáveis elegâncias, Baudelaire pertencia a uma aristocracia pelo nascimento e fortuna; mas ele foi povo pela valentia com a qual suportou os infortúnios e o sofrimento quando ao céu, para ele, agradou enviá-los.

O sofrimento! Ele o amou e idolatrou, nele e nos outros; longe de escondê-lo e negá-lo, cantava e celebrava-o como sendo o grande meio de perdão que Deus nos deu.

Como bem sabem, Deus não foi avarento com ele; a esse homem tão bom, tão doce, tão inofensivo, que tão ardentemente soube admirar e louvar seus êmulos, e que em vinte anos de existência literária não atacou nem feriu ninguém, ofereceu três anos de tortura que bastariam para redimir a vida de um criminoso. Ah! Agora, essa alma tão duramente testada deve estar redimida e triunfante! Seu criador lhe oferecerá o repouso infinito, como a posteridade oferecerá a gló-

ria, uma glória verdadeira e completa ao poeta que não desdenhou nenhum de nossos males e nenhum de nossos ferimentos.

Adeus, Baudelaire! teus amigos não se cansarão de chorar-te, tu que foste seu exemplo e orgulho. A França te conhecerá e admirará. Adeus, homem honesto, excelente amigo, grande artista, nobre poeta, adeus!

L'Étendard, quarta-feira, dia 4 de setembro de 1867, p. 3; com o título “Necrologia” e precedido pelo parágrafo seguinte: “Eis o discurso pronunciado pelo Sr. Théodore de Banville sobre o túmulo de Charles Baudelaire.”

Referência

GUYAUX, André. *Baudelaire: un demi-siècle de lectures des Fleurs du mal* (1855-1905). Paris: PUPS, 2007. Coll. Mémoires de la critique. pp 421-424.

Recebido em: 25/09/2018

Aceito em: 11/10/2018

Publicado em dezembro de 2018

Gilles Jean Abes. E-mail: gillesufsc@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9063-1997>

Eduardo Horta Nassif Veras. E-mail: eduardohnveras@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4803-1482>